

# **“VOCÊ JÁ FOI A MINAS? NÃO? ENTÃO VÁ!” – NOTAS SOBRE A PROPAGANDA IMIGRATÓRIA MINEIRA E SUAS ALUSÕES TERRITORIAIS NO FINDER DOS OITOCENTOS**

Higor Mozart Geraldo Santos<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Juiz de Fora

## **“Você já foi a Minas? Não? Então vá!” – Notas sobre a propaganda imigratória mineira e suas alusões territoriais no findar dos oitocentos**

### **Resumo:**

No final dos oitocentos, em um período marcado pela escassez de força de trabalho, o governo mineiro investiu em ações propagandísticas com a finalidade de atrair emigrantes para Minas Gerais. Diante de tal contexto, nossa intenção é sublinhar como essas propagandas estavam repletas de alusões ao território.

**Palavras-chave:** território, imigração, propaganda.

### **Abstract:**

At the end of the nineteenth century, in a period marked by the lack of work-force, the state government invested in propaganda actions with the purpose of attracting emigrants to the state of Minas Gerais. Given this context, this paper intended to highlight how these ads were full of allusions to the territory.

**Keywords:** territory, immigration, propaganda.

---

<sup>1</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFJF. Bolsista CAPES. Contato: hmozart@gmail.com

## Introdução

Você já foi à Bahia, nêga?  
Não?  
Então vá!  
Quem vai ao Bonfim, minha nêga,  
Nunca mais quer voltar.  
Muita sorte teve,  
Muita sorte tem,  
Muita sorte terá

Você já foi à Bahia, nêga?  
Não?  
Então vá!  
Lá tem vatapá  
Então vá!  
Lá tem caruru, Então vá!  
Lá tem munguzá,  
Então vá!  
Se quiser sambar  
Então vá!

(CAYMMI, Dorival. Você já foi à Bahia? 1935)

No findar dos oitocentos, na tentativa de atrair a atenção de emigrantes estrangeiros, o governo mineiro lançou mão de adjetivos habilmente acionados para assinalar as copiosas riquezas que existiriam em Minas Gerais. Nessa empreitada, propagandeava-se de forma insistente as qualidades com as quais o território teria sido agraciado: incensava-se a vastidão territorial, amenidade do clima, fertilidade do solo, entre aspectos outros.

A ideia parecia ser a detecer um “convite” nos mesmos moldes daquele elaborado por Caymmi na canção que introduz este texto<sup>2</sup>. No caso mineiro, imaginamos que tal música poderia ser composta pelos seguintes versos: “Você já foi à Minas? / Não? Então vá! / Quem vai a Minas, meu caro emigrante, nunca mais quer voltar / Muita sorte teve, muita sorte tem, muita sorte terá”. E, a exemplo do compositor baiano, o governo buscava fundamentar o quão irrecusável seria essa proposta. Aventamos, aliás, que uma possível continuidade da letra apresentaria justificativas expressas em versos como estes: “Lá tem um território extenso/ Então vá! / Lá tem recursos minerais diversos / Então vá! / Lá tem clima agradável / Então vá!”.

Com essa simplória paráfrase, nossa intenção é reforçar que determinados aspectos territoriais – sobretudo aqueles de ordem fisiográfica – eram manejados de forma recorrente nos discursos que visavam atrair emigrantes em direção às terras mineiras. Essa era uma necessidade vista como inadiável pois, segundo o governo<sup>3</sup>, um futuro próspero estaria alicerçado em três principais pilares: construção de estradas,

---

<sup>2</sup> Salvaguardando as devidas especificidades, pois não custa reforçar que “Você já foi à Bahia” (1942) estava inserida em um contexto muito diferente. No caso da canção um dos objetivos era o de “apresentar ao público norte-americano ‘as belezas dessa terra alegre de Carmen Miranda’” (SCHWARCZ, 1995, s/p). Ver: Schwarcz, L.K.M 1995. Complexo de Zé Carioca – Notas sobre uma identidade mestiça e malandra. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, Anpocs, p. 49-63.

<sup>3</sup> Vale dizer que nem todos visualizavam a política de imigração e colonização com bons olhos. Mais informações sobre essas divergências podem ser encontradas em Santos (2013; 2014).

edificação de uma nova capital e imigração estrangeira para substituir o trabalho escravo<sup>4</sup> (GUIMARÃES, 1993).

Este terceiro pilar, segundo algumas lideranças políticas, deveria ser erguido com urgência a fim de salvar a lavoura cafeeira que teria quase desmoronado mediante a abolição da escravatura. Isso se tornava ainda mais agravante quando se tinha em vista que o café era considerado o sustentáculo da riqueza nacional. Com efeito, imbuído pela esperança de garantir força de trabalho para a lavoura e atividades outras<sup>5</sup>, o governo promulgou a Lei de 18 de julho de 1892 e estabeleceu as diretrizes relativas à introdução de imigrantes no estado<sup>6</sup>.

Tal política exibia um caráter marcadamente territorial e essa adjetivação não seria justificada apenas em virtude das materialidades criadas para a instalação de imigrantes<sup>7</sup>, mas também em função dos discursos que buscavam legitimar a necessidade de se contar com a presença estrangeira no estado.

Muitos desses discursos estavam eivados por ideias alusivas aos predicados físico-climáticos do território. De forma geral, adotava-se o seguinte estratagema: em um primeiro momento, de forma profusa e generosa, certas vantagens territoriais eram sublinhadas; em sequência, porém, afirmava-se que essas qualidades não podiam ser aproveitadas de maneira adequada.

Para a alteração desse panorama, dizia-se ser inadiável a presença de braços – brancos e estrangeiros<sup>8</sup> – que pudessem dar vazão aos alegados vastos recursos incrustrados no “território”. Não por acaso, o senador Mello Franco era incisivo ao

---

<sup>4</sup> A esse respeito, Teixeira (2011, p. 27) lembra: “A força motriz de todo esse processo foi sem sombra de dúvidas a necessidade de trabalhadores para a crescente lavoura de café. Contudo, queremos destacar a existência de outras variantes que foram importantes para o fenômeno migratório, como as correntes de pensamento fundamentadas nas teorias raciais, que consideravam os imigrantes europeus mais modernos e racialmente superiores; a possibilidade de povoar regiões desabitadas no Brasil; e a oferta de mão-de-obra europeia decorrente do processo de expropriação dos pequenos camponeses de suas terras. Ver: TEIXEIRA, M. E. **Ser italiano em São João del Rei (1888-1914)**. Tese (Mestrado). Departamento de História, UFJF, Juiz de Fora. 2011; AZEVEDO, C. M. M. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites século XIX**.

<sup>5</sup> Nesse momento, cabe lembrar, o governo buscava diversificar os produtos cultivados nas terras mineiras. Não por acaso, Aguiar (2006, p.32) assinala que “modernizar o campo, renovando as práticas agrícolas correntes e diversificando a produção agropecuária, e estimular o estabelecimento de um número significativo de pequenos e médios agricultores dispostos a atender às demandas do mercado interno do estado eram também objetivos do governo mineiro na primeira década republicana e faziam do empreendimento de imigração e colonização uma iniciativa de modernização regional em bases agrárias”.

<sup>6</sup> Nesse momento cabe reavivar que em função dos princípios federalistas expressos na Constituição de 1891, a imigração passou a ser promovida e incrementada pelos governos estaduais (DIEGUES JÚNIOR, 1964). Foi, portanto, sobre este cenário que a fase republicana da política mineira de imigração e colonização começou a se desenhar. Em tal contexto, o intuito central era solucionar o problema de mão-de-obra que acometia a lavoura cafeeira da Mata e Sul de Minas – áreas estas que suscitavam especial atenção por serem consideradas fonte de renda e importante base eleitoral (MONTEIRO, 1973).

<sup>7</sup> A título de exemplo, entre tais infraestruturas podemos citar: núcleos coloniais, estradas, albergues e hospedarias. Ademais, não podemos perder de vista a influência que os imigrantes tiveram no desenvolvimento urbano, industrial e comercial das cidades (DIEGUES JÚNIOR, 1964), nas divisões da terra, introdução de costumes e crenças (MONTEIRO, 1973). Um trabalho que discute algumas dessas questões pode ser lido em: OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. Imigração e Industrialização: os italianos em Juiz de Fora – Minas Gerais (1888-1920). In: **A Presença Italiana no Brasil**, Vol. III. BONI, Luis A. de. (Org.). Porto Alegre: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.

<sup>8</sup> Metonímia e adjetivações essas, reveladoras das aspirações principais do governo: atender as demandas da lavoura cafeeira através da introdução de “braços” que deveriam estar acoplados a mulheres e homens *europeus*. Estes eram preferidos por serem considerados mais “civilizados”, propensos ao trabalho, difusores do progresso e portadores de técnicas avançadas capazes de *modernizar* o estado.

afirmar: "[...] o futuro de Minas só depende do aumento da população e de braços para o trabalho; e para aquisição de braços é que é preciso favorecer a introdução de colonos de raça européa" (O ESTADO DE MINAS GERAES, 2. abril.1892, p. 2). Mas diante esse caráter dito imperioso, eis que surge a seguinte indagação: de que forma buscava-se atrair emigrantes para as terras mineiras?

As respostas para esse questionamento podem ser encontradas nas diretrizes das leis associadas à política de imigração. Uma dessas diretrizes preconizava, exatamente, a necessidade de realização de propaganda em favor da imigração para o estado<sup>9</sup>. Outra diretriz, por seu turno, estabelecia que as propagandas deveriam ser realizadas a partir da exaltação dos atributos do território<sup>10</sup>. Tratar-se-ia, portanto, do emprego de um discurso que, em face de suas alusões ao espaço, pode ser caracterizado como *geográfico*<sup>11</sup>.

Tendo em vista a existência de tal discurso, interessa-nos conhecer e interpretar de que forma o substrato físico mineiro era representado nas propagandas<sup>12</sup>. Trilharemos o seguinte percurso: de início destacamos algumas informações sobre o escritório instalado pelo governo, na Europa, com a finalidade tornar Minas conhecida aos olhos dos emigrantes. Em sequência destacamos algumas notícias veiculadas em periódicos europeus que também tinham a finalidade de divulgar as virtudes mineiras. Na parte derradeira, nossa atenção volta-se para o livro-propaganda *Lo Stato di Minas Geraes*<sup>13</sup>, publicado em 1896.

## 2) Imagens de um “paraíso terrestre”

A terra do sonho é distante  
e seu nome é Brasil  
plantarei a minha vida  
debaixo de céu anil.

Minha Itália, Alemanha  
Minha Espanha, Portugal  
talvez nunca mais eu veja  
minha terra natal.

---

<sup>9</sup> “O governo terá no estrangeiro um superintendente e agentes emissários que cuidem da propaganda do serviço de imigração, com escritório de informação e que seja ao mesmo tempo intermediário de relações comerciais e industriais com as nações estrangeiras” (LEI N. 32 de 18 de julho de 1892, art 5º).

<sup>10</sup> Essa necessidade é explicitada no item I do artigo 2º do Decreto N. 795 que fornecia as instruções à Superintendência do Serviço de Imigração que o estado mantinha na Europa. Retomaremos esse ponto adiante.

<sup>11</sup> Castro (2006, s/p, grifos nossos) nos lembra que “o discurso geográfico, começando por aquele contido no relato dos viajantes do mundo antigo até o dos intérpretes contemporâneos dos espaços globalizados, tem contribuído, com sua narrativa, para construir e alimentar as representações sociais. Portanto, se a interpretação dessas representações é necessária para a produção do conhecimento, a geografia, nada inocente no assunto, tem mobilizado seus recursos intelectuais para participar desta tarefa”. Sobre o assunto, ver também: Moraes (1996).

<sup>12</sup> Ressaltamos que nosso olhar está voltado para os anos finais do século XIX, período no qual as verbas endereçadas à política de imigração e colonização foram as maiores já investidas. Entre 1891 a 1900, o dinheiro investido abocanhava 13,40% do orçamento estadual. De 1901 a 1910, este valor foi de 0,25%; já entre 1911 a 1920, os gastos totalizaram 0,92% do orçamento. Por fim, 0,83 foi o percentual investido entre 1921 a 1930 (MONTEIRO, 1973).

<sup>13</sup> Válido dizer que anos depois, em 1911, Felippo Grossi publicou um livro-propaganda que também se intitulava *Lo Stato di Minas Geraes*.

Aqui sou povo sofrido  
lá eu serei fazendeiro  
terei gado, terei sol

O mar de lá é tão lindo  
natureza generosa  
que faz nascer sem espinho  
o milagre da rosa.

O frio não é muito frio  
nem o calor é muito quente  
e falam que quem lá vive é maravilha de gente.

(Sonho Imigrante – Milton Nascimento e Fernando Brant)

Em 1894 foi instalado, na cidade de Gênova (Itália), um escritório para cuidar do recrutamento de emigrantes. Tratava-se da Superintendência de Emigração<sup>14</sup> que, entre outras atribuições, deveria “tornar conhecidas na Europa, por meio de publicações, conferências e todos os meios regulares de propaganda, as riquezas naturais do Estado, sua situação física, moral, política e econômica” (DECRETO N. 795, ART 2º, item D)<sup>15</sup>. Para o êxito dessa tarefa, a superintendência buscava pronunciar palavras que levassem os camponeses europeus a manifestarem o mesmo sonho acalentado pelo eu-lírico do poema supramencionado.

Não se tratava de um sonho qualquer, mas sim de um desejo vinculado ao movimento: ele ganharia vida em uma nação europeia e se deslocaria para outro país tendo como transporte os corações de emigrantes que aspiravam edificar uma vida melhor. Não podemos olvidar, afinal, que nos últimos anos do século XIX muitos eram os europeus imersos em uma realidade lancinante caracterizada pelo pauperismo, desemprego e dificuldades de acesso à propriedade privada<sup>16</sup>(PETRONE, 1982). Expropriados de suas terras e de seus meios de subsistência, lhes restava basicamente a opção de trabalhar para outrem<sup>17</sup>. Com efeito, a busca por uma ocupação “e o sonho de conseguir um pedaço de terra tornavam a América, onde havia terras disponíveis em abundância, o centro das atenções de grandes massas de europeus [...]” (PETRONE, 1982, p.9).

Tendo em vista as dificuldades salientadas e os avanços tecnológicos que contribuíram para “encurtar” o Atlântico, a emigração passou a acenar como um sopro de esperança aos camponeses europeus. Cabia então ao governo cuidar para que eles escolhessem Minas como o cenário no qual seus sonhos supostamente encontrariam um terreno fértil.

---

<sup>14</sup> Entre os anos 1894 a 1898, coube a David Campista, ex-Secretário de Estado da Agricultura, dirigir a Superintendência.

<sup>15</sup> O político Chrispim Jacques Bias Fortes lembra que em 1897 a Superintendência passou a ter duas agências, uma em Genova e a outra em Lisboa (MINAS GERAES, MENSAGEM, 1896, p. 19).

<sup>16</sup> Realidade essa provocada, entre outros fatores, pelo êxodo rural, industrialização, urbanização, desequilíbrio demográfico, e problemas políticos. (PETRONE, 1982).

<sup>17</sup> Consultar: MARX, K. **O Capital. (Crítica da Economia Política)** - Volume I. Tomo II. Tradução: Régis Barbosa e Flávio R. Koethe. Editora Abril Cultural, São Paulo. 1984. KOWARICK, L. **Trabalho e vadiagem:** a origem do trabalho livre no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994; KLEIN, H. S. Migração internacional na história da América. In: FAUSTO, Boris (org). **Fazer a América.** São Paulo: EDUSP, 2000. p. 13-31.

Uma das formas utilizadas para se tentar assegurar tal preferência ocorreu através das vantagens concedidas aos emigrantes – como a gratuidade das passagens – e também por meio da exaltação das qualidades que estariam presentes em Minas Gerais. Nessa esteira, diferentes artifícios foram utilizados com o intuito de esculpir uma visão paradisíaca do território mineiro. Os elementos elencados no poema, – tais como: amenidade do clima, fertilidade do solo e possibilidades de se tornar um proprietário – correspondem exatamente a alguns dos itens mobilizados nessa empreitada propagandística<sup>18</sup>.

Exemplo disso pode ser visualizado através da edição de 6 de agosto de 1895<sup>19</sup> do diário político milanês *La Leya Lombarda*. Na ocasião, destacava-se que um estado tão abastado, como o de Minas, não poderia permanecer sem ser conhecido. Por isso se questionava:

Quem ouviu jamais na Italia falar no Estado de Minas Geraes?  
E, entretanto, é um dos mais vastos da grande Federação  
Republicana do Brazil.  
A sua superficie é de 574.855 kilometros quadrados, enquanto que a  
Italia só mede 286.588.  
Minas Geraes é o Estado mais povoado do Brazil, pois conta hoje  
mais de 3 milhões de habitantes [...]  
(MINAS GERAES, 2 nov. 1895, p.2).

Vale salientar que o supramencionado trecho é iniciado por uma pergunta que parece ser “irmã gêmea” da indagação que empresta título a este trabalho. É como se o autor da notícia quisesse dizer: “se você não ouviu falar sobre Minas, deveria se informar e arrumar suas malas com destino a este venturoso estado”.

Depois dessa intimação, ainda notamos o zelo em situar o território mineiro como sendo extremamente propenso a abrigar imigrantes. Propensão esta que seria explicada, em grande parte, pelos fatores climáticos que permitiriam o cultivo de variados produtos:

Toda, ou quasi toda a enorme extensão de territorio do Estado de Minas está situada sobre um planalto, cuja altitude varia de 400 a 800 metros acima do nivel do mar, razão pela qual é o seu clima bastante temperado e salubre por excellencia, **requisito este importantissimo para um Estado que está destinado a receber uma grande corrente de immigração.**

**São nelle acclimataveis todos os productos europeus;** diz-se mesmo possível e proficua a cultura do trigo – para que, porém essa cultura, si se podem obter productos de muito maior valor e se, além disso, pôde-se importar o grão e por menor preço, da visinha Republica Argentina?

Na segunda das zonas obtem-se o café, o assucar, o algodão, o fumo, etc.

Medra perfeitamente a vinha e esperam mesmo os brasileiros que, com o tempo, tornar-se ha Minas um emporio vinicula sufficiente para abastecer toda a Federação. [...] (MINAS GERAES, 2 nov. 1895, p.2, grifos nossos).

Considerava-se, portanto, que um estado repleto de toda sorte de possibilidades não poderia ser pouco conhecido. Esse tom de insatisfação é também verificado em artigo veiculado na folha napolitana *Il Paese*. Na oportunidade afirmava-se ser

---

<sup>18</sup> Naturalmente, por questões geográficas, o mar era o único elemento que não poderia ser utilizado em favor do governo mineiro.

<sup>19</sup> Nesse mesmo ano, aos 2 de Novembro, o mencionado artigo foi reproduzido no Jornal Minas Geraes. Fonte: Minas Geraes na Italia. **Minas Geraes**, Ouro Preto, 2 de Novembro de 1895.

inconcebível que na Europa praticamente só se ouvisse falar sobre São Paulo<sup>20</sup>. Segundo o relato, isso seria uma tremenda insensatez, sobretudo quando se tinha em mente que o estado mineiro era pintado como o mais rico da nação:

A respeito de Minas Geraes, tem-se falado tão pouco em Italia que o leitor, sem pretender mostrar-se espirituoso, poderá com razão acreditar que se trata de uma das mais aridas paragens da Groenlandia.

Minas Geraes, no entanto, é o Estado mais rico, mais florescente e mais futuroso da União Brasileira.

Mais rico, porque é a unica região do Brazil que produz ouro, diamante, cobre, ferro e todas as demais especies de metal, além de preciosos marmores e madeiras de incontestavel valor.

Mais florescente, porque, quando assim não fosse, suas rendas e, por conseguinte, seus creditos não seriam considerados em constante alta nos mercados financeiros de Londres de Pariz.

Mais futuroso, porque homens illustrados e honestos como Affonso Penna, Bias Fortes, Sá e outros o têm governado e governam (MINAS GERAES, 1 out. 1895, p.4).

Mas além de notícias como essas, incensadoras dos atributos territoriais, verificamos que a voz do governo também se fazia audível por meio de opúsculos propagandísticos. Nesse rol, chamamos atenção para a obra *Lo Stato di Minas Geraes – Informazioni utili agli emigranti, operai e capitalisti*<sup>21</sup> (1896), redigida em italiano por David Campista<sup>22</sup>. Como adiante veremos, esse livro se distinguia dos outros congêneres pelo fato de ter sido escrito na forma de perguntas e respostas.

### 3) Lo Stato di Minas Geraes

Escreto em linguagem simples e fluente, sob a forma clara e insinuante de perguntas e respostas, esse utilissimo trabalho dará ao camponez italiano uma exacta noticia de Minas Geraes e a convicção irrecusavel das vantagens que aguardam aqui ao trabalhador europeu. Deslizando dos methodos, em regra, adoptados pelas publicações destinadas a propaganda emigrantista, limita-se aquella a uma descrição sincera da nossa natureza, do nosso clima, das opulencias do nosso solo, dos habitos de nossa sociedade, do nosso estado politico, religioso e economico; as afirmações são, quando necessarias, illustradas por algarismos ou abonadas pelo testemunho de observadores europeus, auctorizando e insuspeitos (O ESTADO DE MINAS GERAES, 30 abril, 1896, p.1).

Os rasgados elogios acima foram endereçados ao opúsculo “Lo Stato di Minas Geraes”. Livro descrito como sendo “[...] um tratado completo e precioso sobre a geographia physica, economica e politica do Estado de Minas Geraes” (REVISTA INDUSTRIAL DE MINAS GERAES, 15. set, 1896, p. 245).

---

<sup>20</sup> Estado que exibiu experiências vinculadas à imigração muito mais expressivas que as mineiras. Ver: Monteiro (1973) e Campoli (2013).

<sup>21</sup> O Estado de Minas Gerais – Informações úteis aos emigrantes, operários e capitalistas.

<sup>22</sup> Na época de publicação do livro, durante o mandato de Bias Fortes, Campista chefiava a Superintendência de Emigração na Europa, função que ocupou de 1894 a 1898. Vários foram os outros cargos por ele ocupados: propagandista da República; deputado da Assembleia Constituinte Mineira, Secretário da Agricultura e Obras Públicas, no governo de Affonso Penna; secretário das Finanças, na presidência de Silviano Brandão; professor de Economia Política e Direito Público Constitucional, na Faculdade de Direito de Minas Geraes; deputado federal; ministro da Fazenda; ministro na Dinamarca e Suécia. Ver: CARVALHO, A.G. **Uma conspiração contra a inteligência**: vida e obra de David Campista. Rio de Janeiro: Arte nova, 1968.

Diante de tal epíteto, ficamos interessados em conhecer o que as páginas dessa obra têm a nos apresentar. Exatamente por isso, tentaremos verificar quais elementos o governo mobilizava para responder à seguinte pergunta:

### 3.1) O que é que Minas tem?

“Carmem Miranda: O que é que a baiana tem?  
Coro: O que é que a baiana tem?  
Carmem Miranda: Tem torso de seda tem (tem)  
Tem brinco de ouro tem? Tem!  
Colares de ouro tem? Tem!  
Tem bata rendada tem?”

(Trecho da canção “O que é que a Baiana Tem?” de Dorival Caymmi)

O título deste item evoca a clássica canção "O que é que a baiana tem?" (1938) de autoria de Dorival Caymmi e eternizada na voz de Carmen Miranda no filme *Banana da Terra*<sup>23</sup> (1939). Fizemos essa escolha em virtude de uma coincidência: é que em suas respectivas labutas como *propagandistas*<sup>24</sup>, tanto o superintendente como o músico se valeram das interrogações. O primeiro formulou uma série de perguntas que gravitavam em torno de múltiplos aspectos atinentes à caracterização do estado de Minas. O segundo nos forneceu um retrato da Bahia e da baiana ao responder, de variadas formas, a indagação presente no título da música. Quiçá, em movimento análogo, ao escrever *Lo Stato di Minas Geraes*, David Campista tenha se perguntado: “O que é que Minas tem?”

Resultado: foram necessários quatorze capítulos a fim de construir extensa resposta que está fragmentada ao longo das seguintes seções: 1) Posição geográfica, hidrográfica, fertilidade do solo, etc.; 2) Clima; 3) População, costume, língua e religião; 4) Agricultura; 5) Indústria Pastoril; 6) Riqueza Mineral; 7) Indústria manufatureira; 8) Vias de comunicações; 9) Organização política e administrativa; 10) Instrução pública; 11) Segurança Pública – Estatística Criminal; 12) Cidade; 13) Situação Financeira; 14) Imigração<sup>25</sup>.

Em virtude da estruturação peculiar, as informações contidas ao longo dos capítulos podem ser lidas como parte de um grande diálogo<sup>26</sup>. Este aspecto formal contribuía para reforçar o caráter didático dessa obra elaborada com o intuito de ensinar<sup>27</sup> aos europeus sobre as inúmeras qualidades do “território” mineiro.

Válido dizer, a título de exemplo, que a pergunta inaugural trata logo de questionar como era o estado de Minas. Na resposta, tímida, se comparada ao tom

---

<sup>23</sup> É neste filme que se torna conhecida a imagem de Carmem Miranda caracterizada como uma baiana (KERBER, 2002).

<sup>24</sup>No caso do livro, buscava-se difundir o potencial que o estado mineiro apresentaria para abrigar imigrantes. Na canção, divulgava-se a imagem da baiana como uma autêntica representante do Brasil (KERBER, 2002).

<sup>25</sup> Ao final há ainda algumas páginas destinadas a retratar os aspectos legais da imigração.

<sup>26</sup> É esclarecedor notar que todas as indagações e as respectivas respostas são iniciadas por *travessões*.

<sup>27</sup> David Campista parecia seguir à risca as recomendações do Diretor do Ministério da Agricultura que, em 1894, ao discursar sobre a imigração, preconizava a necessidade de se “ensinar” aos outros países sobre as características do território nacional (BRASIL, 1894). Ademais, é revelador atinar que poucos anos antes da publicação da obra, afirmava-se que ela seria escrita em um sistema nunca antes adotado, o Catecismo. Dizia-se que este sistema serviria “[...] não são só para o emigrante, como para muita gente que ignora[va] o que alli esta[va] escripto” (MINAS GERAIS, 3. jun. 1896, p.5).

hiperbólico do resto do livro, dizia-se que ele era muito populoso e um dos mais vastos da Federação do Brasil:

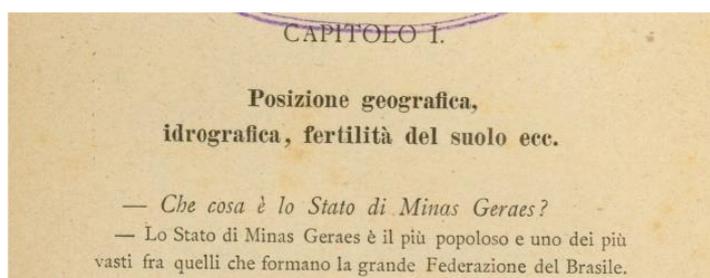


Figura 1 – A pergunta que deflagra o “interrogatório”. Fonte: MINAS GERAES (1896, p.5).

Já que a questão populacional veio à baila, vale dizer que no capítulo destinado a este assunto, afirmava-se que os mineiros eram, em sua maioria, de “razza europea”. Tratava-se de uma forma de ignorar a presença dos negros e índios e, por essa via, projetar a falaciosa imagem de um “estado branco”. Este exemplo reforça que, apesar do extenso número de perguntas, ao respondê-las, David Campista não passava pelo mesmo infortúnio de um prisioneiro interrogado em *Guantánamo*. O autor, afinal, indagava apenas aquilo que desejava enfatizar e respondia como bem lhe aprouvesse. Era uma espécie de teatro estrelado por um versátil e astuto ator. Quando lançava os questionamentos, o superintendente emulava o papel de estrangeiros ávidos por conhecer as possibilidades que Minas tinha a ofertar; já no momento das respostas, ele representava um atencioso governo sempre disposto a fornecer informações úteis aos emigrantes. Tratava-se de um diálogo do Estado consigo mesmo. Um monólogo; um eloquente autoelogio.

Além de recorrer a esse jogo interrogatório, o autor utilizou variados adjetivos, teceu comparações, forneceu estatísticas e exibiu imagens a fim de tornar seu relato mais crível e envolvente. Verificamos, inclusive, que este último item atuava como um dos importantes artifícios acionados para propagar e cimentar o ideário de uma Minas moderna, dotada de infraestruturas e benesses<sup>28</sup>. A força e sedução das *paisagens* apresentadas era constituída por um conjunto imagético que reunia edifícios, plantações, fazendas, estradas de ferro, etc. Um desses exemplos pode ser visto quando Juiz de Fora foi retratada no capítulo dedicado a versar sobre as cidades mineiras.

---

<sup>28</sup> Sobre o ideal de progresso acalentado pelas elites políticas mineiras recomendamos os seguintes trabalhos: GUIMARÃES, Berenice Martins. Minas Gerais: A nova construção da nova ordem e a nova capital. *Análise & Conjuntura*, Belo Horizonte, v.8, n.2/3, maio/dez, 1993, p. 17-31; PÁDUA, Pedro Geraldo. **O Conceito de Progresso nas Mensagens dos Presidentes do Estado de Minas Gerais (1891-1930)**. Dissertação de Mestrado em Educação Tecnológica. CEFETMG, Belo Horizonte, 2012; AGUIAR, Tito Flávio Rodrigues de. **Vastos subúrbios da nova capital: formação do espaço urbano na primeira periferia de Belo Horizonte**. 2006. 443f. Tese de Doutorado em História – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006; DULCI. *Política e recuperação econômica em Minas Gerais*. Belo Horizonte. Editora UFMG, 1999.



Figura 2 – Vista Parcial de Juiz de Fora. Fonte: MINAS GERAES (1896, s.p).

Além de imagens como essa, a utilização de frases atribuídas à célebres figuras europeias eram mais umas das estratégias utilizadas. Por exemplo: para destacar a pujança da riqueza mineral, foram conclamados os dizeres de Henri Gorceix<sup>29</sup>. Segundo este mineralogista francês, tamanha a magnitude dos recursos minerais que existiriam, o território do estado seria como um “peito de ferro com um coração de ouro”.

Exemplo outro pode ser visualizado no capítulo que discorre a respeito das condições climáticas. No afã de explicitar o quão agradável seria o clima, recorreu-se ao discurso proferido por Arrigo de Zettiry – por ocasião do “Congresso Geográfico de Roma (1895). Na oportunidade, este professor italiano teria afirmado que o estado de Minas reunia elementos que possivelmente o definiriam como o mais propício aos emigrantes europeus.

Nessa mesma toada, para discorrer sobre a riqueza das terras mineiras, dizia-se que em região alguma haveria solos que gozariam da mesma fertilidade daqueles encontrados em Minas. Essa constatação tão elogiosa era corroborada através de uma frase do naturalista Saint Hilaire. Segundo ele, “se houvesse um algum lugar do mundo que pudesse viver à revelia do restante do mundo, esse lugar indubitavelmente seria a Província mineira”<sup>30</sup>.

Por meio desse e de outros exemplos, fica evidenciado que Minas Gerais era

---

<sup>29</sup> Henri Gorceix foi contratado em 1874 por D. Pedro II com a missão de organizar o ensino de mineralogia e de geologia no Brasil. Em 1876 ele desempenhou papel destacado na fundação da Escola de Minas de Ouro Preto. Entre 1876 a 1891 ele atuou como diretor da mencionada. Já em dezembro de 1889, o francês fundou a Sociedade de Geographia Economica de Minas Geraes que, entre outras atribuições, buscava fomentar o desenvolvimento da indústria, do comércio e da imigração em Minas Gerais (SANTOS e COSTA, 2005). Para maiores informações: SANTOS, Paulo Coelho Mesquita e COSTA, Adilson Rodrigues da. A Escola de Minas de Ouro Preto, a "Sociedade de Geographia Economica de Minas Geraes" e as Exposições Universais do final do século XIX e início do século XX. **Rev. Esc. Minas** [online]. 2005, vol.58, n.3, pp. 279-285. ISSN 0370-4467. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0370-44672005000300014>>. Acesso em: 30 out. 2012.

<sup>30</sup> Passagem original contida no livro: “Se esiste alcun paese che possa un giorno vivere indipendentemente dal resto del mondo, questo paese será certamente la provincia di Minas Geraes” (MINAS GERAES, 1896, p.8).

retratada através de tons exagerados e, no mínimo, questionáveis<sup>31</sup>. Nessa esteira, com a finalidade de tornar ainda mais vívidas as imagens do suposto “paraíso mineiro”, o governo valia-se de um discurso que se revelava fortemente *geográfico*<sup>32</sup>. O tom de tal discurso, aliás, nos remete ao trabalho de Vlach (2004). Dizemos isto pois esta autora, ao perscrutar as singularidades do ensino de geografia no Brasil – entre o final dos oitocentos e início do século XX –, destacou o importante papel assumido por essa disciplina no processo de educação do povo. Isto porque, de um lado a geografia escolar

[...] fazia do território brasileiro o elemento central de seu conteúdo, porque sua descrição valorizava sua dimensão, suas riquezas, sua beleza; de outro lado, porque a idéia de território por ela veiculada permitia a substituição do sujeito pelo objeto. Em outras palavras: a idéia de território dissimulou as ações concretas dos líderes (políticos, intelectuais etc.) que conduziam, "de cima para baixo", a construção da nação e do cidadão para consolidar o Estado brasileiro, dissimulando mesmo o fato de que o Estado construía a nação brasileira (VLACH, 2004, p. 195).

Salvaguardadas as devidas especificidades, pode-se dizer que em relação à política mineira de imigração acontecia um processo semelhante. Ao posicionarmos “território” como um dos elementos centrais de seus discursos, o que muitos políticos faziam – de forma intencional ou não – era obnubilar ações que, ao fim e ao cabo, visavam atender interesses particulares.

Não por acaso, discursos que associavam a presença de imigrantes ao progresso do estado – como um “corpo único” –, dificilmente deixavam transparecer que havia regiões consideradas mais importantes que outras<sup>33</sup>. Também não é ao leu que as diversas propagandas incensavam as benesses do “território”, mas “esqueciam-se” de dizer que neste território havia elites que pouco se preocupavam em pavimentar caminhos para que os imigrantes galgassem a sonhada ascensão social.

É revelador verificar que, embora os “proprietários de terras sentados nas poltronas do governo mineiro” tenham se empenhado em atrair mão de obra, não podemos olvidar que muitos destes proprietários procuraram manter os imigrantes “[...] sob um controle número, de associação e de expressão” a fim de evitar que os trabalhadores estrangeiros “conseguissem revolucionar o estado de coisas do qual estes dirigentes eram os gestores e beneficiários diretos” (CAMPOLI, 2013, p. 97).

Acresça-se ainda que os imigrantes, ao chegarem em Minas Gerais, carregando o sonho de adquirir um naco de terra, descobriram que boa parte das propriedades reservadas para compra eram aquelas situadas em locais distantes dos centros consumidores e com baixa produtividade. O motivo para essa situação é simples: ainda que o governo reclamasse a existência de terrenos devolutos, os mesmos eram tidos como símbolo de prestígio (MONTEIRO, 1973). Notoriamente, sendo muitos dos

---

<sup>31</sup> Embora o escopo deste trabalho não seja o de verificar a veracidade dos dados apresentados, não podemos deixar de mencionar, por exemplo, a informação que tentava mascarar a ausência de negros e índios em Minas Gerais.

<sup>32</sup> Cabe reavivar que esse viés geográfico presente nas propagandas e nos discursos favoráveis à imigração era também identificado em momentos outros. Exemplo disso é que os políticos contrários à introdução de imigrantes buscavam elementos no “território” para sustentar seus pontos-de-vista. Ver: Santos (2013, 2014).

<sup>33</sup> Vale reavivar que a Mata e o Sul de Minas, por serem regiões cafeeiras, inspiravam elevados cuidados do governo. Ver: Monteiro (1973).

políticos latifundiários, o apego que eles manifestavam pela terra se tornava maior que o sonho de muitos dos imigrantes.

## Considerações finais

O opúsculo *Lo Stato di Minas* foi descrito como um “tratado completo” acerca da geografia física, econômica e política de Minas Gerais. Mas o exatamente o que viria ser um *tratado*?

Com o auxílio do dicionário, verificamos que tal palavra comporta, entre outros, os seguintes significados: **i.** Estudo aprofundado; **ii.** Convênio, convenção; coisa convencionada<sup>34</sup>. Pode-se argumentar que o termo foi empregado em consonância com a primeira das acepções, pois havia manifesta intenção de que a obra se constituísse em uma espécie de material completo sobre a geografia do estado mineiro. No entanto, o segundo verbete também exibe estreita relação com o que discutimos. Dizemos isto pois através das descrições veiculadas intentava-se disseminar uma *representação padrão* do território. Um tratado; uma convenção sobre o quão afortunado seria o estado de Minas Gerais.

Nessa mesma vereda, válido dizer que ao analisarmos a etimologia da palavra *propaganda*, notamos que ela é definida como sendo o “[...] gerúndio latino do verbo *propagare* que quer dizer: propagar, multiplicar (por reprodução ou por geração), estender, difundir. [Sendo assim,] fazer propaganda é propagar idéias, crenças, princípios e doutrinas” (PINHO, 1990, p.19).

Tal semântica pôde ser compreendida quando examinamos as ações propagandistas empreendidas pelo governo. Nessa jornada, o território – menoscabado ao seu substrato físico – assumia posição destacada. Suas potencialidades eram ressaltadas com vistas a difundir e cristalizar uma imagem que colocava Minas Gerais como um lugar extremamente favorável aos emigrantes.

Assim, se considerarmos que através de sua música Caymmi aspirava nos tornar apaixonados pela Bahia e pelas baianas, talvez possamos dizer que no findar do século XIX o governo mineiro também desejava algo semelhante: a expectativa era a de que os imigrantes se apaixonassem por Minas, viessem para o estado e não mais desajassem sair. Esses estrangeiros eram, afinal, considerados agentes insubstituíveis para a promoção de um futuro auspicioso.

Entretanto, o que não aparecia nas propagandas é que esse futuro auspicioso seria vivenciado<sup>35</sup>, basicamente, pelas lideranças que ditavam os rumos do estado. Com feito, os imigrantes chegavam e descobriam que a realidade, amiúde, não comungava da mesma beleza exibida pelos versos que introduzem este trabalho<sup>36</sup>.

---

<sup>34</sup> Dicionário Michaelis: <<http://michaelis.uol.com.br/>>

<sup>35</sup> Uma tímida e inicial reflexão sobre as desilusões atreladas à imigração pode ser encontrada em: SANTOS, H. M. G. Da esperança e suas ilusões. Disponível em: <<http://terriat.hypotheses.org/851>>. Acesso em: 28 de ago. 2013.

<sup>36</sup> A presente pesquisa está vinculada às reflexões desenvolvidas junto à pesquisa “Imigração estrangeira nos confins da Zona da Mata”, coordenada pela professora Dr<sup>a</sup> Maria Isabel de Jesus Chrysostomo. O apoio financeiro foi concedido pela FAPEMIG (APQ-01380-11), FUNARBE (Funarpex 2011/2012) e CNPQ (4069252012). Na continuidade de nossas investigações, além de interpretar o discurso geográfico presente nas propagandas imigratórias, interessa-nos problematizar em que medida as representações

## Fontes primárias

Livro:

MINAS GERAES. **Lo Stato di Minas Geraes**. Genova, 1896.

Ministério da Agricultura:

BRASIL. Ministério da Agricultura. **Relatório [do ano de 1894] apresentado ao presidente da República dos Estados Unidos do Brasil no ano de 1894. Rio de Janeiro, 1894**. In: Brazilian Government Document Digitization Project. Universidade de Chicago. 2001.

Periódicos:

O ESTADO DE MINAS GERAES. Ouro Preto, Minas Gerais (1890-1899).

MINAS GERAES. Ouro Preto, Minas Gerais (1890-1899).

REVISTA INDUSTRIAL DE MINAS GERAES. Ouro Preto, Minas Gerais (1896).

## Referências

AGUIAR, Tito Flávio Rodrigues de. **Vastos subúrbios da nova capital: formação do espaço urbano na primeira periferia de Belo Horizonte**. 2006. 443f. Tese de Doutorado em História – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

CAMPOLI, F. **Camponeses de engenho e arte: história e geografia dos imigrantes italianos em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Manuscritos, 2013. 397p.

CASTRO, Iná Elias de. Do imaginário tropical à política: a resposta da geografia brasileira à história da maldição. **Scripta Nova**, Barcelona, v.X, N. 218 (11), 2006. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-218-11.htm>>. Acesso em: 26. fev. 2014.

CHRYSOSTOMO, M. I.J. **Imigração estrangeira nos confins da Zona da Mata Mineira (1850s-1875): entre civilização dos sertões e controle do território**. Projeto de Pesquisa, 18f, 2012.

DIEGUES JÚNIOR, M. **Imigração, Urbanização, Industrialização**. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, 1964.

GUIMARÃES, B. M. Minas Gerais: **A nova construção da nova ordem e a nova capital**. *Análise & Conjuntura*, Belo Horizonte, v.8, n.2/3, maio/dez, 1993, p. 17-31.

MONTEIRO, N. G. **Imigração e Colonização em Minas: 1889-1930**. Belo Horizonte:

---

elaboradas sobre o território – e suas diferentes áreas – revelava alguns dos diversos interesses existentes em Minas Gerais.

Imprensa Oficial, 1973.

MORAES, A.C.R. **Ideologias geográficas**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

NASCIMENTO, M; BRANT, F. Sonho Imigrante. In: RIBEIRO, M. V.; ALENCAR, C.; CECCON, Claudius. **Brasil Vivo: uma nova história da nossa gente**. Rio de Janeiro: Vozes, 1988. p. 110.

KERBER, A. **O que é que a bahiana tem?** – representações da nação brasileira nas canções interpretadas por Carmen Miranda na década de 30. São Leopoldo: UNISINOS, 2002. Dissertação (Mestrado em História), Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

PETRONE, M. T. S. **O Imigrante e a Pequena Propriedade (1824 -1930)**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

PINHO, J. B. **Propaganda, publicidade e relações públicas: uma delimitação conceitual**. In: PINHO, José Benedito. Propaganda institucional: usos e funções da propaganda em RP. São Paulo: Summus, 1990.

SANTOS, H.M.G. Notas sobre os projetos territoriais em torno da política de imigração e colonização em Minas Gerais (1892-1900). **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 94-106, jun. 2014. ISSN 2318-2962. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/7594>>. Acesso em: 29 Jun. 2014.

\_\_\_\_\_. **Um Horizonte Geográfico nas Entrelinhas da Política de Imigração e Colonização em Minas Gerais (1892-1907)**. Monografia (Graduação em Geografia). 2013. Universidade Federal de Viçosa, 2013.

VLACH, Vânia R. F. **O ensino de Geografia no Brasil: uma perspectiva história**. In: O ensino de Geografia no século XXI. VESENTINI, J. W. (org.). Campinas: Papyrus, 2004, p. 187-217.